Editorial - Revista *Sapere Aude*. V. 2, n. 4, (2011)

Ibraim Vitor de Oliveira*

A Filosofia, já em seus inícios, é impulsionada pela vocação do *lógos* em buscar a unidade. Fazer tender ao uno: eis a tarefa do *lógos*. Tender ao uno significa ocupar-se do Ser e da expressão adequada que o represente, justificando a perspectiva aristotélica segundo a qual o “uno e o Ser são uma mesma coisa e uma realidade única”. Trata-se de uma trama de altíssima complexidade, pois o *uno* – o *princípio primeiro* pretendido, a *arkhé* – deve suportar a diferença e o múltiplo; ele deve unificar o que na realidade emerge como incompreensível, indomável, espantoso (*thauma*). O *lógos*, quando atinge o uno, acomoda as inquietudes e, assim, possibilita uma “solução” razoável para os problemas suscitados pelo múltiplo. Em outros termos, o *lógos*, ao exhibir o uno, produz quietude porque retira o homem da ignorância (*áгноia*), porque o educa, porque o faz reconhecer as causas e as razões do ser que se dá. Mas, pode-se perguntar, para qual uno se deve tender? Alguma vez na História da Filosofia foi possível ostentar um suporte capaz de explicar e acomodar as inquietudes humanas? O assombro diante do múltiplo, da pluralidade indomável, foi algum dia estancado pelas estratégias do *lógos*? Tender ao uno não seria tão somente forçar violentamente vínculos de unidade mediante o domínio pelo convencimento que, de real nada teria, mas apenas exibição de cálculos bem articulados? O *lógos*, cuja vocação é tender ao uno, foi, em alguma época, inocente e puro a ponto de demonstrar uma verdade incontestável? Mas, o que realmente se pretende dizer com o termo *lógos*?

Penso que, por muitos aspectos, esse quarto número da Revista *Sapere Aude*, do Departamento de Filosofia da PUC Minas, sugere ampla reflexão sobre tais questões. Sabe-se que o *lógos* é constitutivamente ambíguo: realiza-se na cumplicidade entre pensamento (razão) e linguagem. Nesse sentido, a perspectiva da *Metafísica* de Aristóteles (IV 4, 1006 b 9-12) é ainda lapidar: “não se pode pensar nada se não se pensa uma determinada coisa; mas se se pode pensar, então se pode também dar um preciso nome ao determinado objeto que é pensado”. Pensamento e linguagem, mesmo se tidos como inseparáveis, não são a

*Coordenador do curso e Chefe do Departamento de Filosofia do Instituto Dom João Resende Costa da PUC Minas. E-mail: vitorivo@libero.it

mesma coisa; de fato, não se pode acreditar em alguém que diz pensar, mas que não consegue expressar, de algum modo, o que pensa. É igualmente digno de suspeita aquele que diz sem pensar. A adequação entre pensamento e linguagem tem sido a pedra angular de toda a história da filosofia ocidental no que tange ao *lógos*, ao *orthos lógos*, à *recta ratio*. Semelhante pedra de toque, contudo, parece fornecer muito mais inquietude do que pacificação do espírito, deixando entender que, de fato, a filosofia é no seu âmago violenta. É o que sugere o questionamento levantado por Paul Gilbert, no artigo *Ontologia, afeição e temporalidade*: a racionalidade traz secretamente consigo mesmo o fermento da violência? Seja como for, não é o caso de se sacrificar todos os *lógoi*, mas de se perquirir sobre o registro em que eles emergem. Para Paul Gilbert, numa guinada fenomenológica, a afeição é anterior a qualquer *lógos* e é tal anterioridade, raiz do pensamento e da linguagem, que concede intrínseca ambiguidade ao próprio *lógos*, sempre temporal; ele é sempre posterior às escolhas livres do homem; mesmo que, em segundo momento, o *lógos* transcenda as escolhas, ele jamais poderá deixar de retornar a elas, com o risco de se transformar em mero cálculo lógico, abstrato e sem vida.

Por sua vez, Jacyntho Lins Brandão, em *Logos e palilogia na República de Platão*, analisa o *lógos* da espécie qualificada como *palillogía*. Semelhante “dizer de novo”, anunciado no início do livro V da *República*, não é mera tautologia, mas propriamente a busca pelo *eîdos* do *lógos*. Trata-se de um modo de colocar em crise o próprio *lógos* já anunciado para, depois, ascender no diálogo (a dobra no *logos* que serve de *arkhé* para dar sequência ao diálogo); uma espécie de anamnese que testa o vigor das próprias conclusões alcançadas, incidindo diretamente, em se tratando do livro V da *República*, na organização da cidade. A palilogia, nesse caso, não pode ser entendida fora do ambiente da dialética platônica enquanto educação do espírito.

Um terceiro artigo, *Retórica, educação e política no Renascimento Italiano*, de Helton Adverse, recupera o sentido vigoroso da retórica exercitada pelos humanistas. Segundo o autor, mais do que instrumentalização da linguagem para convencer, a retórica humanista tem como objetivo mobilizar os homens por meio do discurso, e, assim, preparar o homem para agir na cidade, já que a vida cívica se constitui na dimensão discursiva do homem. Nesse caso, a retórica não é instrumento de dominação, mas projeto de educação

no sentido de que ela possibilita o exercício de vinculação entre sabedoria e acurada expressão linguística, interferindo diretamente no agir dos cidadãos.

Além de artigos *meta-lógicos*, em que, mediante o exercício do *lógos*, o próprio *lógos* é posto como tema, o presente número da *Sapere aude* inaugura uma nova seção, intitulada *Ensaio*. Sem o rigor de normas textuais, o ensaio se caracteriza pelo estilo livre em que um autor expõe suas idéias e reflexões sobre determinado assunto. O estilo, como o ensaio, é também um privilegiado exercício do *lógos*. E para inaugurar essa seção, apresentamos o texto inédito de Sergio Sorrentino, “*Etsi Deus non daretur*”. *A ética no espaço entre a religião e a laicidade*. Sorrentino é um filósofo italiano, professor na Universidade de Salerno (Itália), idealizador de uma filosofia autônoma e original. Tornou-se conhecido também por ser o tradutor italiano de obras de Friedrich Schleiermacher.

Pode-se, portanto, afirmar que esse número da *Sapere Aude* é um exercício da filosofia sobre si mesma, também no que tange ao estilo de escritura; reflete sobre a potência e, ao mesmo tempo, a fragilidade do *lógos* que, ao se dar de modo ambíguo, enquanto razão e linguagem, pode dominar as mentes ou educar o espírito, iludir o homem ou criar cidadania, suscitar a violência ou amainar os corações.